

NA FELIZ
ACCLAMAÇÃO
D'A
RAINHA
NOSSA SENHORA.



MOSTRE a Fortuna aos fevos cubiçofos

Seu falfo rofto de prazeres tinto,
A Romana Ambição volva os luctuofos
Sepulcros de Corinto.

Inda nas almas a Virtude inflamma:
Feliz aquelle, a quem atêa a chamma!

Mais alto fubo, em quanto da famofa
Magnanima RAINHA a gloria teço:
Banha-me Febo a idéa fervorofa

Nas aguas do Permeffo:
Já dos meus olhos foga a Patria Terra,
Os globos calco, aonde a Paz fe encerra.

Em tão extenfo maritens certo o rumo:
Não ergas, Musa, á Adulação bifrente,
Nem dês incenfo a quem arreda o fumo.
Em nuvem reluzente

Sabia Heroína, que transtorna os fados,
Suba do dia aos Pólos azulados.

IV.

Cobre Orion tripatre o rosto aquoso,
Ouvindo a minha voz no ar soando;
Nos mares dorme o vento tormentoso,
E no Ethna fumegando

Deixão cahir os Brontes amarellos
Das frouxas mãos os rigidos martellos.

V.

Mas que rubro luzeiro as nuvens lava?
O Genio da Nação ferindo os ares
Alvo prazer dos olhos trasbordava;
E sobre os patrios lares
Recolhendo da noite o manto roto
Das mentes colhe o Lusitano voto.

VI.

Com elle sobe ao Luso Throno Augusto,
Onde despinta, des que o Sceptro rege;
As turvas cores do guerreiro susto
A Mão, que nos protege;
A Mão, que acceta os vivas Lusitanos,
Padrões eternos dos vindouros annos.

VII.

Nem fusco Inverno solta as gotejantes
Frigidas roupas nos gelados montes,
Nem Febo instiga as horas vigilantes
C'os fulgidos Ethontes.
O Ceo do grato Povo as vozes chama,
E o Ceo por elle a Mãe da Patria acclama.

VIII.
Cruzão-se os arés de propícios Numes,
E as Graças povoando a Lyfia Terra
Queimão aromas fobre os roxos lumes:

A enfanguentada Guerra,
Lividos males, crua forte impia
Baixão ao Orco em honra deste Dia.

IX.
Se alvejante Alegria os Lufos veste,
Se aura benigna o rosto lhe bafeja,
Tu da clara ventura o véo lhe erguefte:

Por Ti a Patria veja,
Entre os braços da Paz, e da Piedade,
A que o Mundo já vio dourada Idade.

X.
Beber da Eterna Luz altos segredos,
Reger de Afrea os vacillantes passos
Faz esquecer dos Perfás, e dos Medos

Os vingadores braços:
Heróes, que são Heróes fobre os destroços
De frias carnes, estalados ossos.

XI.
Quanto mais vale, do Destino triste
Os fracos arrancar com mão piedofa,
Que ouvir os brados, que tu, Roma, ouvifte

A' tumba defditofa,
A quem no rosto nevoa denfa, e fria
Raiar vedava o reflendor do dia?

XII.
Não foi de tanta gloria ao Filho terno
Da Deofa, que nafceo no berço undofa,
Nas fombas esconder do fomno eterno
O Rutulo vaidofa,

Qual foi livrar nos hombros, do ateado
Incendio tragador, o Pai cansado.

XIII.

As fronte ergão os Heróes mandados
A' lugubre Região; co'a luz do dia
Febo lhe accenda os olhos apagados:
Na Lusã Monarquia
Verão mais gloria, que em seus annos víráo,
Depois que os Astros luminosos gyrão.

XIV.

Sabia RAINHA, os Númes protectores
Derão-te o Sceptro, e o Solio preeminente;
Semeárão no peito teus louvores
A' Lusitana gente:

Mas abrindo o thesouro o Ceo piedoso,
Mais alto bem te deo no Augusto Esposo.

XV.

Alva Crôa de Lucidas estrellas
Lhe estão as Musas candidas traçando,
Cujas virtudes nitidas, e bellas
No rosto fuzilando,

As azas abrem sobre os limpos ares,
Prendendo os ventos, desdobrando os mares.

XVI.

As redeas solte aos lubricos cavallos,
E os seclos mova o Tempo encanecido,

Tu não lhe temas os fataes abalos:
Que no pégo esquecido

Banhar não póde o teu Egregio Nome
A mão cruenta, que os mortaes consome.

Por José Caetano de Figueiredo.